

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
AS VARIAÇÕES DE HONG SANG-SOO
14 e 16 de Janeiro de 2020

GRASS / 2018

Um filme de Hong Sang-Soo

Realização e Argumento: Hong Sang-Soo / Direcção de Fotografia: Kim Hyung-ku / Som: Mir Kim / Montagem: Son Yeon-ji / Interpretação: Kim Min-hee (a rapariga no café), Kee Joo-bong (o rapaz no café), Ahn Jae-Hong, Jung Jin-Yeong, Kim Sae-Byok, etc.

Produção: Jeonwonsa Films Co. / Produtor: Hong Sang-Soo / Cópia digital (DCP), preto e branco, falada em coreano com legendas em inglês e legendagem electrónica em português / Duração: 66 minutos / Inédito em Portugal.

Grass, penúltimo filme estreado à data por Hong Sang-soo, é bem sintomático da descida à gravidade que caracterizou os trabalhos mais recentes do realizador. Este último trio com que se conclui o ciclo, **The Day After**, este, e **Hotel by the River**, estão entre as coisas mais graves que Hong já filmou, e porventura os filmes de onde se emana uma maior e mais profunda sensação de desespero, que nenhum humor, ou quase nenhum humor, vem atenuar – e, seguramente, nenhuma cor: estes últimos três filmes são todos a preto e branco, opção que neste contexto que descrevemos acima deve ser tomada como sinal deliberado deste progressivo fechamento.

Fechamento que, num sentido estrito, **Grass** enverga em pleno, com a acção concentrada prioritariamente num espaço delimitado, um café mais ou menos igual aos muitos que Hong já filmou. É aí que está a personagem de Kim Min-hee, sentada ao computador, a escrever e a ouvir as conversas em redor, sempre pares ou trios de personagens que vão dando a vez uns aos outros. É, de certo modo, e como outros filmes do cineasta, um filme onde o próprio processo criativo é reflectido (como o espectador saberá, muitos filmes de Hong têm cineastas como protagonistas), mas de uma maneira especial: talvez seja a única vez onde a “ficção” possa aparecer como “ficção dentro da ficção”, na relação entre as conversas no café e a possibilidade de elas serem a matéria da escrita de Kim Min-hee; ou, dizendo de maneira um pouco diferente, que nunca se exclua a hipótese de as conversas serem uma “ projecção ” da imaginação da rapariga, nem que, ao contrário, elas sejam o seu “alimento”. Ficção que gera realidade, realidade que gera ficção, talvez no fundo pouco importe distinguir: é como o jogo com a música (“on” ou “off”), o mais genial que Hong já jogou – quando o espectador repara que há música clássica desde o princípio, que parece um pouco demais, ou uma facilidade de Hong para construir um clima de gravidade dramática, uma das personagens comenta o facto de naquele café estar sempre a ouvir-se música clássica, e o que o espectador tomava como música de “acompanhamento” revela-se afinal como música “diegética”. Também a relação narrativa com a escrita de Kim Min-

hee é assim: o “on” e o “off” sobrepõem-se, imiscuem-se, tornam-se a mesma indelindável coisa.

E está-se quase sempre no café, a não ser quando se vem cá fora fumar, ou quando se sobem ou descem escadas que vão sempre dar aos mesmos sítios. “*No way out*”: é como se fosse um filme sobre o impasse, ou quase a chegar ao impasse. O mesmo impasse das personagens, sempre auto-centradas, fechadas sobre si mesmas e sobre os seus problemas, obcecadas com os amores, com as bebidas, com a infelicidade, com a infidelidade, com o suicídio. Em nenhum filme de Hong Sang-soo (ou, vá lá, em muito poucos) se sente esta espécie de exasperação do próprio filme face às suas próprias personagens, e em nenhum deles (em nenhum, mesmo) se tem a sensação de que essa exasperação vem do próprio cineasta e se dirige às suas próprias criações ou criaturas – donde, a possibilidade, fortíssima, de a personagem de Kim Min-hee valer realmente enquanto “duplo” do realizador, tentando desesperadamente extrair “ficção” dos mesmos elementos.

Como se fosse um filme para evitar o esgotamento, olhando-o face a face. Gesto corajoso, resolvido em “miniatura”: pouco mais de uma hora. Se durasse mais tempo, o filme traía-se a si próprio.

Luís Miguel Oliveira